

CLIPPING

25 de Julho de 2019
Diário do Pará – Geral, 05.

Dameres atribui estupros de meninas na Ilha do Marajó à falta de calcinhas

Ministra deu declaração após recente visita ao arquipélago paraense. Fala polêmica foi registrada em vídeo, se espalhou pela internet e repercutiu negativamente, inclusive entre estudiosos da situação

VIOLENCIA SEXUAL

Carol Menezes

A declaração registrada em vídeo dada pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Dameres Alves, que viralizou ontem na internet, relacionando o abuso sofrido por meninas na região do Marajó ao não uso de roupa íntima, gerou uma série de manifestações e críticas no país inteiro, em especial, por parte da comunidade científica.

“Não há nenhum estudo, em nível local ou internacional que faça essa conexão. Trata-se de uma questão bem mais complexa”, atesta a doutora em Psicologia e professora da Universidade Federal do Pará (UFPA), Milene Veloso, lamentando o ínfimo conhecimento da autoridade que comanda a pasta que faz o combate a esse tipo de violência.

O vídeo, republicado em inúmeras redes, possui o selo do canal Folha do Brasil, no YouTube (acesse no QR Code ao lado), cujo dono é o deputado federal Filipe Barros (PSL-PR), que fez parte da equipe de transição do



Ministra Dameres chegou a sugerir a instalação de uma fábrica de calcinhas para que a comunidade local possa comprar a peça íntima por um preço bem barato. FOTO: VALTER CAMPANATO/AGÊNCIA BRASIL

Governo e trabalha com Dameres. Mas a gravação não está mais disponível no canal de origem. “As meninas lá, elas são exploradas porque não tem calcinha, são muito pobres”, declara a ministra, em seguida dizendo que o Ministério foi incitado a fazer campanha para arrecadar peças íntimas, ao que ela comemora anunciando “conseguimos um monte!”. Depois afirma que o ideal é uma fábrica de calcinhas na região, para que elas possam comprar “barati-

nho”, e faz o convite a empreendedores interessados em gerar emprego e renda.

REPERCUSSÃO

Autora do projeto de pesquisa “Violência contra crianças e adolescentes: indicadores e estratégias de enfrentamento”, em andamento, a docente Milene Veloso, que estuda o tema há 20 anos, lamenta tanto a falta de conhecimento de Dameres quanto o perigo de seguir sem buscar a informação correta.

“De uns dez anos para cá estamos ampliando o estudo para todo Estado, e a questão do Marajó é histórica no que diz respeito à violação dos direitos humanos, dentre eles, a violência sexual. E não está relacionado com a vestimenta”, garante.

A pesquisadora lembra que os mapeamentos da violência sexual são unânimes em ligar o crime a pessoas próximas e/ou da família da vítima. São pessoas da convivência, que têm a confiança da criança.

“Fundamental é entender aspectos principalmente ligados à cultura do estupro ou machista, que é adulto-cêntrica, e infelizmente trata crianças e adolescentes como objetos, e que não respei-

ta a peculiaridade da criança, a vulnerabilidade, e sim se aproveita dela”, detalha a cientista.

O que a ministra faz no vídeo, no entendimento de Milene é, inclusive, perigoso, porque pode levar ao equivocado entendimento de que trata-se de um problema de simples resolução - ou pior: que o cometimento ou não do crime tem a ver com qualquer atitude da criança, que é vítima.

“As pessoas podem, pela falta de informação, ao ouvir isso de uma ministra, acreditar que entregar calcinha resolve ou que a criança tem alguma responsabilidade. O estupro de vulnerável foi assim pensado pelo legislador justamente

“

As pessoas podem, pela falta de informação, ao ouvir isso de uma ministra, acreditar que entregar calcinha resolve ou que a criança tem alguma responsabilidade”

Milene Veloso, doutora em psicologia

PARA ENTENDER

MINISTRA NO MARAJÓ

• A ministra da Mulher, Família e Direitos Humanos, Dameres Alves, anunciou na segunda-feira (22) a transferência de um gabinete do ministério para a Ilha do Marajó, no Pará. O objetivo é diminuir os altos índices de violência sexual na região, principalmente infantil.

• Dameres informou ainda que uma agência da Caixa deve chegar à ilha, junto com a equipe do ministério, para levar o programa Minha Casa Minha Vida à população paraense.

para garantir que crianças não podem, não têm condições de avaliar o impacto dessas situações”, explica a estudiosa, reforçando que a ocorrência de abuso sexual independe de classe social e também está inserida no contexto da exploração sexual, uma realidade nos interiores do Estado.



Veja o vídeo em que Dameres fala sobre o Marajó

